

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Officinas de impressão—R. da Atalaia, 134
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Tahaiba—Lisboa • Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

OITO HORAS DE TRABALHO

Vindo ao encontro duma velha aspiração operária publicou-se há dias, parece que por iniciativa do ex-ministro Dias da Silva, um decreto onde, para várias categorias de trabalhadores, se limitava em oito horas diárias a duração máxima do trabalho. Não tendo esperado pelo decreto, algumas classes, a construção civil por exemplo, valendo-se das suas próprias forças, conquistaram há anos já os oito horas. As classes gráficas, como aditadas a uma indústria gráfica, têm também esse horário, aliás implantado por virtude dum triunfante movimento de greves parciais, movimento sem o qual aquelas classes nada conseguiriam, apesar de num decreto de 1915, que o patronato se mostrou decidido a desrespeitar, estar fixada a jornada de oito horas para as indústrias chamadas tóxicas. Várias outras categorias de assalariados permanecem, todavia, com horários superiores, o que não obsta a que algumas dessas categorias tenham já, como os metalúrgicos, empenhado esforços, até agora baldados, para conseguir os oito horas. Isto é: nunca o operariado descurou essa sua antiga reivindicação, e para vê-la efectuada tem combatido incessantemente. A tragédia de Chicago, a que um movimento pelas oito horas dera azo, fez nascer energias novas, fez redobrar de entusiasmo os combatentes. E de então para cá tão agitada e defendida tem sido a reivindicação que já a lei a vai reconhecendo, num outro país.

O decreto de há dias fixa em oito horas, para algumas classes, e dizemos algumas porque há exclusões inexplicáveis, a duração máxima do dia de trabalho. Recebeu-o a indústria e o comércio com franca hostilidade, e a aplicação do decreto, que se falou até meados de Maio, foi já adiada, como ontem se lia nos jornais, para 19 de Junho, em consequência duma entrevista havida entre a direcção da Associação Commercial e o ministro do Trabalho. De modo que se, dada a hostilidade das agremiações burguesas, continuarmos neste caminho de adiamentos e prorrogações, muito arriscados estamos a ter de cumprir o decreto, restando-nos um único caminho, o do esforço próprio, se quizermos realmente alcançar o almejado horário, cuja entrada em vigor, de resto, já daqui futuramente, só teria sanção prática ao caso de conflitos vários, mais ou menos energéticos e duradouros. A lei que venha depois, a reconhecer o facto já consumado e indelével.

Combater, portanto, o decreto desde já, é por um lado, um tanto prematuro, dado que não se sabe por enquanto se é correspondente a alguma coisa de real ou de realizável. Por outro lado, torna-se conveniente ir já dizendo alguma coisa a respeito do critério do legislador, infligindo das razões que o levaram a excluir os trabalhadores rurais do número daquelas classes às quais a jornada de oito horas seria aplicada. Admitido—e será difícil não o admitir—que é a produção a função essencial nas sociedades perduráveis, tem de concluir-se que, entre os diversos ramos da produção, é a agricultura o mais importante. Em relação com a produção agrícola, todas as outras actividades ficam accesorias ou secundárias, que as nações podem, num maior ou menor lapso de tempo, subsistir sem grande indústria e sem avultado comércio, mas não se manterão se os alimentos lhes faltarem. Logo, não se compreende que o legislador, pretendendo suavizar a situação das classes trabalhadoras, tivesse deixado de parte precisamente aquela classe de cujo concurso mais necessita o país.

Eleições administrativas

DUAS CARTAS

Do nosso amigo e colaborador Carlos Rates, recebemos a seguinte carta, cuja publicação nos pede:

Camada redactor—Leio no *Combate*, órgão do Partido Socialista Português, que este organismo político disputa as maiores eleições municipais, incluindo nas suas listas os nomes dos meus amigos Sobral de Campos e Jorge Coutinho e dispondo-se a incluir também, por proposta do sr. Augusto Dias da Silva, ex-ministro do trabalho, o meu nome, o de José Maria Gonçalves e, dr. Campos Lima. Sob o ponto de vista doutrinar não há inconveniente em aceitar o mandato de vereador, para a qual é conveniente nos prepararmos. Bro grande seria envolver na luta eleitoral os sindicatos operários, no que se não pensa.

Mas, pelo que me diz respeito, eu não posso autorizar a inclusão do meu nome numa lista partidária, qualquer que ela seja, porque entendo que as corporações administrativas não devem ser delegadas de individualidades que se imponham pela sua personalidade, mas sim, pela sua competência. Eu deixo de exercer uma acção administrativa, para a qual é conveniente nos prepararmos. Bro grande seria envolver na luta eleitoral os sindicatos operários, no que se não pensa.

Mas, pelo que me diz respeito, eu não posso autorizar a inclusão do meu nome numa lista partidária, qualquer que ela seja, porque entendo que as corporações administrativas não devem ser delegadas de individualidades que se imponham pela sua personalidade, mas sim, pela sua competência. Eu deixo de exercer uma acção administrativa, para a qual é conveniente nos prepararmos. Bro grande seria envolver na luta eleitoral os sindicatos operários, no que se não pensa.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Notícias da Rússia

A imprensa burguesa, é claro, continua com o seu sistema: calar as mais retumbantes vitórias dos bolchevistas e do bolchevismo e chamar aos quatro ventos as suas mais insignificantes derrotas e recuos; calar as atrocidades e sanha liberticida de Koltchak e Denikin e seus bandos, e apregoar com barbaridades monstruosas os actos de defesa dos revolucionários.

Assim, enquanto no sul o exército vermelho limpava de inimigos uma vasta região, do Dniéster ao Don, na frente da Sibéria, que foi preciso desguarnecer, Koltchak alcançou algumas vantagens de momento, nem fáceis nem completas, aliás. Pois foi sómente estas que a dita imprensa divulgou e engrandeciu, sem as explicar.

Também nos falou de greves e protestos operários em Petrogrado contra os bolchevistas, mas sem dizer o alcance de tais protestos. E a razão é simples: os operários de Petrogrado acusaram os bolchevistas de moderação.

Eufemismos

Dizem-nos a Havas:

«As narrativas dos fugitivos da Crimeia repatriados, entre os quais se contam altas personagens de várias colónias, são concordes em afirmar que a evacuação de Sebastopol de nenhum modo representa um êxito tático do exército vermelho. A atitude de expectativa de certos elementos é que se deve atribuir essa medida, cujas origens se prestaram a tão variadas interpretações.»

Ora agora sabem os leitores o que significa, trocado em miúdos, aquilo da «atitude de expectativa de certos elementos»? Pois foi o caso que os soldados aliados não quiseram combater o exército vermelho, indignados contra o papel odioso ao qual os querem obrigados. E o que resulta também das suas cartas à família e aos amigos.

Quem havia de ser?

Em Evora, segundo informes dum jornal, no dia 1 de Maio, pintou a mania o operariado, e deu vivas à revolução social, cantando a *Internacional*, sem que as autoridades se importassem com isso. Acrescenta o jornal que o Alentejo, noutros tempos, era uma provincia pacata, ordeira e com todos os requisitos para, agradar aos respectivos donos, não são muitos—seis até dez. O jornal pergunta, por último, quem foi que insubordinou o Alentejo.

Ora, quem havia de ser?

Como não foram os jesuitas, por não haverem hoje em Portugal (?) devem ter sido aqueles bolchevistas que fizeram quartel geral no Vale de S. Tiago, onde tem exercido toda a casta de viciosa sobre os trabalhadores rurais e suas famílias, contra todas as leis e sem que o poder central os prendia mais curtos nem pense nisso por... falta de tempo.

Charles Lorme

Assim se chama o jovem de 18 anos, assassinado em Paris, em circunstâncias ainda não conhecidas, por ocasião da demonstração do operariado francês, em 1 de Maio. A força às ordens de Clemenceau recebeu, pelos vistos, indicações expressas de chacina. E as matraques e revólvers trabalharam largamente. O operariado de Paris, numa manifestação imponente, acompanhou ao cemitério os restos mortais do jovem Charles Lorme, um nome mais a juntar à lista interminável das vítimas da sociedade capitalista e burguesa. Mas, como diz o poeta Maurel,

«Quand nous aurons compté les morts, Prenex garde à ceux qui demeurent!»

As câmaras—facto que despertará na assembleia manifestações entusiásticas de aplauso.

Vejo na minha escolha ou indicação para tal ou tal função, a lembrança de um amigo—Dias da Silva—que, julgo, talvez, encontrar em qualidades bastantes para a colaboração na execução do programa que o partido socialista se propõe realizar, pela acção municipal. Mas eu não aceito semelhante encargo, só podendo admitir que a indicação de um nome se tenha chegado a fazer ao partido socialista pelo facto de eu ainda não haver manifestado a minha recusa em face de um constata que há dias saiu no *Combate* sobre o mesmo assunto.

«Mas... que diabo? terei eu que estar a recusar, constantemente, a escrever cartas e desmentidos sempre que alguém se lembre de trazer o meu nome a público?» Parece que sim. E, como assim é, aí vai, mais uma vez a recusa—não obstante os calorosos aplausos da assembleia a quem foi indicado o meu paraverde do Município de Lisboa.

Que Lisboa descanse também... que não se desista... Teu amigo certo, A. Sobral de Campos.

O professorado primário

Inicia hoje, no teatro Nacional, os trabalhos da sua assembleia magna

Realiza-se hoje e amanhã, no teatro Nacional, a primeira assembleia magna da União do Professorado Oficial, havendo duas sessões por dia, uma às 12 horas e outra às 20.

Encontram-se já em Lisboa os delegados de todos os núcleos federados, que veem expressamente de vários pontos do país a fim de tomarem parte nos trabalhos.

Entre os assuntos a tratar nas diferentes sessões há alguns que muito interessam à causa da instrução popular.

COMO SE FAZEM FORTUNAS

A escravidão branca

Brandão Gomes & C.ª

Revelações sensacionais acerca desta importantíssima e acreditada firma

Encontrando-nos há dias com o nosso camarada Ricardo Chamusca, fomos andando um pouco ao acaso e trocando impressões sobre as últimas greves e assim, referindo-se às precárias circunstâncias do operariado português, à casta pavorosa da vida que dá lugar às exigências do aumento de salário, concordamos em que esse aumento, como está demonstrado, não modifica, antes agrava, as condições da vida económica das classes produtoras e, geralmente, do salariado.

«Mas que havemos de fazer, de que meio poderemos servir-nos para viver, ainda que miseravelmente?» perguntámos nós aquele camarada.

«Efectivamente não temos outro meio, a não ser a expropriação, a que vulgarmente se dá o nome de roubo ou furto.»

«Remodelar a sociedade, de alto a baixo, destruindo privilégios e entrando no meio de que nos pertence...»

«Isso mesmo.»

«Mas você compreende que, a não ser feita imediatamente, essa tal socialização, em coisa alguma ali poderá trazer algum alívio à situação actual das classes produtoras.»

«Por isso mesmo, que é o operariado, o aumento de salário, na contingência de optar por ele ou pelo roubo, a não ser que prefira morrer de fome em cheio de... hostilidade.»

Quando fomos neste ponto da nossa conversação deparámos com a vitrine duma grande mercearia, copiosamente provida do bom e do melhor, coisas que não se fizeram para os pobres, como não se fez o mel para a boca do asno nem para as abelhas que o fabricam.

Entre os artigos expostos na referida vitrine havia diversos produtos da fábrica de conservas de Brandão Gomes & C.ª, anunciados em vistosos placards. Fomos andando vagarosamente.

Ricardo Chamusca reatou a nossa conversa perguntando:

«Viu aquelas conservas de Brandão Gomes?»

«Vi e há muito que as conheço de vista e pelos respectivos placards. Se são boas ou más não sei dizer-lho, mas não há dúvida que são muito bem apresentadas. E como na ausência não há senhoria acrescentei—os homens, realmente são empreendedores e supponho que industriais, à devida altura, como poucos.»

«Industriais são eles, mas não são menos industriosos...»

«Sim, eu já lhe conto, para você ficar sabendo as belas prendas que eles são, sobretudo para os seus operários da Fábrica de Espinho, a mais importante que eles possuem.»

E como chegassemos à praça do Rio de Janeiro fomos sentar-nos num banco do jardim.

Acendi um cigarro e Ricardo Chamusca tomou a palavra.

«Vou contar-lhe o que eu vi na fábrica de Brandão Gomes, em Espinho e o que ali se passou, vai para três anos.»

Como se apronta uma grande encomenda e como se ilude a lei e a vigilância da circunscrição industrial, sob pretexto dum ataque de submarinos

No fim do ano de 1916, Brandão Gomes & C.ª, os grandes industriais, como você lhes chama, principiaram a executar uma avultada encomenda de ranchos em conserva para as tropas portuguesas, em campanha. Foram dez dias e dez noites de trabalho extenuante para os operários e operárias da fábrica de Espinho, a fim de se tirar o máximo rendimento do combustível empregado na laboração da mesma fábrica.

Para isso os donos daquela roca, estilo moderno, enganaram a circunscrição aduaneira, convencendo-a de que pretendiam fazer uns pequenos serões.

«Mas... que diabo? terei eu que estar a recusar, constantemente, a escrever cartas e desmentidos sempre que alguém se lembre de trazer o meu nome a público?» Parece que sim. E, como assim é, aí vai, mais uma vez a recusa—não obstante os calorosos aplausos da assembleia a quem foi indicado o meu paraverde do Município de Lisboa.

Que Lisboa descanse também... que não se desista... Teu amigo certo, A. Sobral de Campos.

Sob pretexto dum suposto ataque dos tais submarinos, mas apenas para encobrir o escândalo dos serões durante toda a noite, foram fechadas hermeticamente todas as janelas das oficinas da fábrica e até mesmo a iluminação eléctrica da vila foi reduzida... para que os submarinos não atacassem a fábrica.

Mas, naturalmente, esse excesso de trabalho foi retribuído...

A dois e três centavos por hora, de dia e de noite, que é quanto ali se paga às mulheres que constituem a maior parte do numeroso pessoal da fábrica.

«Menos de cinco tostões até seis, por um trabalho violento e exaustivo, de 24 horas consecutivas, presentemente, é um salário, de fome negra.»

«De fome ou de roubo e de prostituição. Esta para as mulheres e aquele para os homens. E os três centavos por hora não são para todas, mas apenas para as irmãs e protegidas do encarregado da fábrica que dá pelo nome de José Caixeiro, um tiranete que trata as mulheres como cabras, chegando mesmo a espancá-las e a dirigir-lhes toda a sorte de palavras obscenas quando está de mau humor, o que é frequente.»

NO REPARTIR DO BÔLO

No repartir do bôlo, estão os parcelos furiosos, mesmo os que não têm por nome Orlando.

Nem os mais graúdos estão contentes. Cada um deles se considera sacrificado e preterido. Cada um deles afirma que a vitória militar lhe traz compensações insignificantes, ao lado dos enormes sacrificios realizados.

«Própria França e a própria Inglaterra dizem-se logradas na sua grandiosa esperança e aparecem-nos com orçamentos de paz mais pesados do que os de guerra. Todos clamam e protestam, lançando uns aos outros olhares desconfiados e coléricos, e nesta ranga de comadres mancheiras de verdades escandalosas cruzam os ares túrbidos.»

Bem lho prediziam os pacifistas sinceros, do género de Norman Angell: os lucros haviam de ficar muito aquém dos gastos. A guerra era, além de tudo, um mau negócio. Vencedores e vencidos irmanar-se iam no comum esgotamento, e a presa seria bem magra em face dos prejuízos e dos... appetites.

E mais, para impor ao vencido o pagamento das custas do processo, seria necessária uma «paz armada» tão dispendiosa, que as despesas da cobrança absorveriam e ultrapassariam a importância a cobrar.

«Sem falar nas úlceras profundas nos profundos ressentimentos, fautores de novas hecatombes, sementes de novas tempestades destruidoras.»

Mais valia tudo perdoar reciprocamente, lançando à conta de perdas e danos as mútuas perdas infligidas e as mútuas dores causadas.

Linguagem avisada, mas vã. A guerra, produto maldito do capitalismo, é também a sua fatal condenação.

E depois, se o negócio é péssimo para uma nação como povo e para a humanidade em geral, é óptimo em paga para certas oligarquias industriais e financeiras, para certas castas políticas ou militares, para um ou outro dos imperialismos concorrentes—e isso basta para chegar o lume à pólvora.

No fim, lá vem a duríssima empresa do repartir do bôlo. E as lamúrias. E as invejas. E as ameaças.

Não nos admirou, pois, a sorte que coube a Portugal, nem o protesto dos nossos governantes.

«Antes este protesto surpreendeu-nos um pouco mais.»

De diplomacia e anexos, não percebemos pátina, mas lá nos parece que, no lugar do sr. Afonso Costa, bem diversa teria sido a nossa linguagem. Teríamos gritado bem alto, orgulhosamente:

com fome e a mãe foi esconder-se para amamentá-la. Nesse dia principiara o trabalho às 7 da manhã, concluindo às 9 da noite para recomençar às 3 da madrugada, e as operárias que largaram o trabalho às 9 da noite dormiram na fábrica e sobre caixotes até aquela hora da madrugada, trabalhando desde então até às 6 da manhã.

«Alinda-se esse excesso brutal de trabalho fosse retribuído...»

«Já lhe disse que não. Na fábrica Brandão Gomes, em Espinho não há dia nem há noite para o pessoal das oficinas, que faz parte das máquinas da casa, como qualquer peça das mesmas máquinas.»

«Não é só nessa fábrica...»

Bem sei que não é. A 10 de Janeiro de 1917, ainda quando ultimava a grande encomenda do tal rancho, vi numa oficina da fábrica, junta a uma das máquinas, uma mulher, tipo anémico e franzino, com óculos fumados e uma pequenita de uns 13 anos também com óculos de forte graduação, trabalhando com outra máquina. E lá ficavam ambas a trabalhar toda a noite.

«Fecha-se a narrativa com chave de ouro e exhibe-se uma criança dentro dum caixote.»

Ricardo Chamusca, cada vez mais exaltado, continua:

A 3 da madrugada de 10 de Janeiro de 1917, atraz dum grande empilhado de caixotes vazio fui encontrar, encalxotada e envolvida num 'trapapo', uma criança dum dois meses vigiada por uma sua irmã, criança de 10 a 12 anos.

Estavam ali escondidos como um fruto amadurecido não fosse encontrá-la algum dos patrões ou o tal José Caixeiro.

Entretanto a mãe dessas crianças trabalhava ali perto, numa grande azafama para auterir alguns cobres para o sustento seu e daquelas crianças nessa mesma fábrica onde há alguns dias antes, vi desfalecer, com fome uma outra operária que tivera por único alimento, nesse dia, um pedaço de broa e uma pequena maçã.

Entardecia, e o jardim aquela hora, perdura para nós o seu encanto.

Alinda-se ouvia o chilrear dos pássaros e a risada alegre e franca das crianças que brincavam perto. Num banco ao lado, um latagão de cavalaria da guarda republicana, com a espada reluzente sobre os joelhos, fazia a corte a uma criada de servir que o escutava enternecida esgravidando a terra com a ponteira dum sombrinha escalete.

«Levantamos-nos, caminho de casa. Ricardo Chamusca fitou-me de frente e perguntou:

«Que diz você a isto?»

«Não digo nada, para não errar.»

«Pois creia você que é assim explorando e roubando quem trabalha, é só assim que se faz fortuna.»

«Separamo-nos e fomos ambos a nossa vida.»

Bairro Operário do Arco do Segó

Prossigue com actividade a construção do bairro operário... o sr. Afonso Costa, bem diversa teria sido a nossa linguagem. Teríamos gritado bem alto, orgulhosamente:

«Senhores; reivindicamos a honra de ter provocado e atacado a Alemanha, em defesa do Direito ultrajado e violado. Desde a primeira hora, repudiámos como um crime e uma ignomínia a neutralidade cobarde, proclamámos a nossa dedicação à causa dos Aliados, colocámos-nos às ordens deles, pusemos os navios alemães ao serviço da boa causa, não hesitámos em provocar a guerra e em sofrer-lhe as consequências.»

«E agora nada queremos, nada pedimos. Limito-nos a satisfação do dever cumprido. A nossa compensação é a vitória da justiça. Que seria dos interesses morais e materiais do nosso país e da humanidade em peso, se tivéssemos triunfado o imperialismo germânico? No seu esmagamento, temos nós, tem a humanidade toda a mais ampla, a mais generosa retribuição do esforço heróico levado a cabo. Não queremos outra. Não precisamos de outra, para aparecer de cabeça erguida diante do nosso povo, o qual foi por nós metido no caminho da glória e da honra.»

Nós teríamos dito assim, se estivéssemos no lugar do sr. Afonso Costa. A linguagem contrária seria dar razão aos nossos adversários e acusadores, seria pôr o sorriso vitorioso nos lábios vingativos dos nossos críticos da hora da decisão heróica, seria uma confissão de réu.

Oh! bem sabemos que a vitória aproveitada mais aos graúdos do que aos miúdos, mais aos bem armados do que aos sem-dentes, e que os que menos reclamam, no repartir do bôlo, são por vezes os que mais vantagens tiram da contenda. Perguntem-nos em público ao furioso Orlando e, em particular, ao reverendo Wilson, padre-mestre dos ideais desinteressados...

«Mas, em suma, com que balanço de ganhos se entrou na decisão? Com a balança da justiça, ou com a balança do mercado?»

«Não é lucro formidável, que os senhores tanto apregoavam, a destruição de ambientes devoradores e temerosos? Ou quererão os senhores imitar as Companhias de Seguros que, tendo pululado e engordado com a guerra, pretendiam haver, na Conferência da paz, o reembolso dos... prejuízos sofridos?»

«Que há de então reclamar o proletariado mutilado e faminto?»

Cuidado, senhores, cuidado! Não lhe lembrem muito as indemnizações de guerra, que é capaz, o miserável, de exigir... tudo!

Zeno VAZ

Contra a Revolução Proletária

As jesuíticas manobras da burguesia

Um jornal da noite, de ontem, publicava o seguinte telegrama:

PARIS, 14.—O Supremo Conselho Económico francês, presidido por Robert Cecil, resolveu manter as restrições económicas contra a Hungria, enquanto permanecesse na sua situação política. Ocupou-se também da situação alimentícia das províncias do Báltico.

Significa este telegrama que a Conferência de Paris continuará nas suas manobras reacionárias, fortemente secundada pela internacional negra dos militares «profissionais», dos padres e dos capitalistas, já mais de uma vez nos temos referido à revoltante atitude dos aliados para com a revolução húngara, e se a nossa indignação contra as potências que durante quatro anos de guerra ludibriaram os povos com as suas falsas declarações democráticas, era grande, maior se tornou perante esta decisão do Supremo Conselho Económico. Sabem os leitores o que representa «manter as restrições económicas contra a Hungria, enquanto permanecesse instável a sua situação política»? É a guerra da fome declarada ao proletariado revolucionário húngaro; é a morte por inanição de milhares de crianças, mulheres e velhos.

«E manobra idêntica à que empregam contra a Rússia. Bloqueada por todos os lados, não podendo permutar os seus produtos com outros que lhe são indispensáveis e que não encontra no seu território, a Revolução Russa vê a desorganização económica aumentar e a fome ceifar milhares de vidas.»

«E depois, quando em Petrogrado ou Budapest, milhares de pessoas morrem de fome, fome provocada pela guerra surda da burguesia ao proletariado revolucionário, a imprensa burguesa de todo o mundo anuncia em grossos caracteres que a responsabilidade de tais sucessos cabe à revolução socialista.»

Na realidade, a Companhia de Jesus tem excelentes continuadores...

Na Bulgária

Revoltes de carácter bolchevista

As tropas reparam-se a dispersar

Dizem de Berne que o bureau da imprensa romana anuncia que estalarão novos distúrbios bolchevistas na Bulgária. Em diferentes localidades as tropas governamentais recusaram-se a disparar contra os bolchevistas, especialmente em Silen e em Rouchit Chonk.

Bolões ingleses em Madrid

MADRID, 13.—Alguns aviões ingleses voaram hoje de tarde sobre o campo de aviação de Cuatro Ventos, perto de Madrid, assistindo numerosas personalidades, entre elas o ex-Sultão Marrocos, e o ex-presidente do conselho, conde de Romanones. Este quiz entrar num avião voando durante vinte minutos sobre Madrid.—H.

A BATALHA NO PORTO

Os comerciantes opõem-se à adoção do horário de 8 horas. Os empregados de comércio reivindicam com energia essa justa regalia

PORTO, 14.—A parte consciente dos empregados no comércio conservava-se efervescente contra a atitude dos comerciantes, esboçada na sua reunião efectuada ante-onhem. Estes senhores, para conseguirem os seus fins, agarraram-se a todos os meios, aliando os mais ardilosos. Assim, para alcançarem a derrogação da lei da regulamentação do horário na parte que lhes diz respeito, tentam, como se desprende de uma moção aprovada por eles, indispor todas as classes operárias dos diferentes ramos de indústria com a família caixeira, servindo-se da intriga e de insinuações interessantíssimas. No aludido documento, nos seus vários considerandos, manhosamente urdidos, os comerciantes desta cidade afirmam, entre outras coisas, que a classe dos empregados no comércio, tem, na sua quasi totalidade, aspirações profundas a ser patrões, ou, por outra, a ser comerciantes também, estabelecendo-se, acrescentando que ela não se quer conhecer proletária mas sim burguesa, alheando-se, insidiosamente, do proletariado industrial. Ao mesmo tempo, procurando angariar as simpatias do operariado, os comerciantes asseveram que a adoção do horário das oito horas nos seus estabelecimentos vem grandemente prejudicar esse mesmo público e, sobretudo, esse mesmo operariado, porquanto, sendo os empregados no comércio a mesma hora do que ele, não pode efectuar as suas compras devidas a lojas estarem encerradas. Na lógica dos comerciantes, a lei do horário deve ser banida para o comércio, porque este é um caldo aprazível da indústria, pois não sendo os caixeiros ligados à conta de operários, estes teriam de trabalhar metade, e nem ninguém poderia negar esse direito, no caso de persistirem que aqueles, empregados de balcão, estejam nas suas ocupações apenas as discutidíssimas oito horas à intriga comercial, porém, não surtiu o efeito desejado, e como consequência deve realizar-se amanhã uma sessão magna de todos os operários de balcão, a fim de repelirem as insinuações dos comerciantes e deliberarem sobre a atitude a tomar em face dos seus propósitos.

A Federação dos Sindicatos dos Empregados no Comércio ocupou-se, e voltará a ocupar-se tantas quantas vezes forem precisas, da questão, resolvendo protestar publicamente contra os maneios dos comerciantes, declarando que os seus federados são, para todos os efeitos, operários também, assalariados como todos os outros operários de diferentes indústrias.

A U. S. O. ocupa-se, entre outros assuntos, do horário no comércio e da crise da indústria têxtil

A União dos Sindicatos Operários reuniu, sob a presidência do delegado dos fabricantes de calçado, secretariado pelos representantes dos gráficos e dos picheiros. Depois de aprovada a acta e lido o expediente, entre o qual o officio dos estofadores, dando a sua adesão a este organismo, e outro dos descarregadores de terra e mar, solicitando um delegado para assistir à sua reunião magna que efectuará hoje para tratar da constituição do seu sindicato (sendo nomeado A. Cardoso), a assembleia deliberou manifestar-se sobre o caso dos comerciantes e a justiça que assiste aos empregados no comércio. Os delegados destes explanaram claramente a questão e os intuitos sofisticados dos tais comerciantes, lendo a moção publicada na *Crônica do Porto*.

Falaram várias camaradas, entre elas S. Lucena, A. Cardoso e J. Bastos, que apresentaram uma moção neste sentido, tendo todos concordado em que os empregados de balcão são operários, como tais admitidos no seu seio e, por consequência, parte integrante da União dos Sindicatos Operários, assim como os outros operários da indústria têxtil. Se não fossem considerados pelo operariado como pertencendo à família proletária, eles jamais poderiam fazer parte da organização dos trabalhadores assalariados. Além da moção que abaixo transcrevo, ficou resolvido enviar-se uma cópia da moção à Associação dos Comerciantes—como resultado das suas reuniões especulativas. A seguir, o camarada S. Lucena referiu-se largamente à infâmia perpetrada pelos industriais têxteis, principalmente os dos das fábricas de Salgueiros e Matos e Quintans, um dos propósitos a representantes defensores do povo, que persistem em conservar as suas portas fechadas, só para não atenderem aos oito horas de trabalho ao seu pessoal. Aludiu aos fabulosos lucros auferidos durante a guerra, aos enormes stocks feitos, os quais são uma causa de muitas fábricas estarem fechadas, por ser preciso vender-se a murraça amontoadas, e à situação afiliva da classe têxtil. Ficou resolvido convocar-se uma reunião das direcções das Associações dos vários ramos têxteis, para se assinar na melhor forma de se iniciar uma campanha contra as especulações dos industriais. O camarada secretário deu explicações sobre os trabalhos encetados para a efectivação do comício contra a carestia da vida e de reclamações para o governo conceder à Câmara três dos navios ex-alemães. A moção a que acimo me refiro é a seguinte:

Considerando que a Associação dos Comerciantes do Porto, reunida em assembleia geral extraordinária para se pronunciar sobre o horário das 8 horas, se aprovou um documento no qual, após vários e interessantíssimos considerandos, são feitas insinuações injustas para a numerosa classe caixeira; Considerando que as apreciações contidas no referido documento devem merecer, na sua totalidade, a reprovação deste organismo federativo; Considerando que os empregados no comércio são, para todos os efeitos, não privilegiados burgueses, como erroneamente e tendenciosamente afirma a moção em referência, mas sim operários, tanto assim é, que estão federados neste organismo local. A assembleia federal da União dos Sindicatos Operários, reunida em 3 de Maio de 1919, resolveu, com energia as afirmações feitas de que o operariado em geral não considera aqueles que se enunciam no documento em referência como o encerramento do estabelecimento de harmonia com a regulamentação estabelecida pelo decreto das oito horas, não vem

A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

O acto eleitoral decorreu tranquilamente, notando-se uma enorme abstenção

A votação aqui mostrou à evidência que o electorado está farto de tanta vaidade. O que quer que seja, como sempre, não se realizou, resolveu por bem, abster-se o mais possível do acto eleitoral, não comparecendo nas urnas, não sapendo, com o seu voto, as ambições que os futuros pais da pátria cometerão no parlamento, em nome do povo.

Decorreu esse acto placidamente em todas as assembleias do concelho, com excepção da de Guilpharias, onde democráticos e unionistas experimentaram as suas forças musculares, sem incidentes de maior. Notou-se, como era de prever, uma enorme abstenção, o que prova, como já dissemos, a desleitura de todo o cidadão honesto, que não se deixa engolir com cantigas e cantadas.

No fim de tudo isto, faz-se o escrutínio e vê-se que, pelo concelho de Gaia, foram eleitos os dignos democráticos Meno Verdial e Domingos Cruz, não conhecendo este o município onde foi eleito. O candidato socialista obteve uma razoável votação, atendendo à pouca preparação do partido e a ter sido escolhido à última hora.

EVORA, 12

Uma sessão de propaganda dos empregados menores dos correios e telegrafos a favor das suas reclamações

No dia 8 p.p. reuniram os empregados menores dos correios e telegrafos, na sede da União dos Sindicatos Operários desta cidade.

Presidência e camarada António Pedro da Silva, secretário, pelos camaradas Elias António Matias e Januário Nunes dos Santos.

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

respectiva Federação, assim como para que todos os trabalhadores se organizem nos respectivos sindicatos profissionais.

Manuel Soares, delegado também da F. C. C. da Região do Sul, começa por dizer que os trabalhadores dentro das suas associações devem estar à sua vontade, devendo existir a máxima tolerância, e por isso vai falar, diz, de chapéu na cabeça, por que entende que os preconceitos devem ser banidos. Continuando—descreve a situação dos trabalhadores—descreve a situação dos trabalhadores, dizendo a fundo sobre os seus deturpadores, terminando por fazer uma verdadeira apoteose à revolução social, que a passos agigantados caminha para nós, para a libertação dos escravos do salário. Uma entusiástica ovacão coroa as últimas palavras do orador, o qual prendeu a atenção da assembleia por espaço de uma hora, sendo ouvido com o mais profundo interesse.

Seguiu-se-lhe o representante da U. S. O. que fez umas breves considerações, mostrando a necessidade das palavras dos camaradas de não serem olvidadas, apresentando, depois de se referir aos deportados por questões sociais, a seguinte moção:

“Considerando que os trabalhadores da Póvoa de Varzim, são aqueles que ora mais sentem as consequências da vida, merecem os salários ínfimos que auferem;

Considerando que só por uma união forte e indivisível, eles podem melhorar as condições de vida conquistadas pelo seu próprio esforço;

Considerando que pelas conquistas dos trabalhadores muitos camaradas tem sacrificado a vida; Considerando que os camaradas da Póvoa de Varzim unidos em sessão magna, resolvam:

1.º Dar todo o apoio a organização central, para que ela, a nível nacional, possa dar uma resposta ao constante aumento da vida;

2.º Dar no mais breve espaço de tempo na reunião da Federação e da União para que estas possam de futuro tomar conta da produção;

3.º Reclamar a volta imediata das camaradas detidas em prisão, e a sua libertação, e fazendo a propaganda do jornal *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

Depois da presente moção ser aprovada por unanimidade, voltou a falar o camarada J. Cardoso, para fazer a propaganda de *A Batalha*, e para fazer a propaganda de *A Batalha*, e para fazer a propaganda de *A Batalha*.

No dia seguinte reuniram os delegados para Viana do Castelo, na mesma missão que aqui os trouxe.

ESTREMOZ, 13

Os manufatureiros de calçado e o salário mínimo e o horário de trabalho

Tendo a classe dos manufatureiros de calçado reunido ontem para apreciar o relatório do trabalho e salários mínimos, deliberou enviar uma moção ao pessoal de Lisboa, a fim de que este se pronuncie sobre a situação da classe.

1.º Que seja cumprido o horário das 8 horas de trabalho em todas as oficinas de calçado, e que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

2.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

3.º Que todos os camaradas sejam solidários com o movimento que esta classe tem de fazer para a melhoria das condições de trabalho, e que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

4.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

5.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

6.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

7.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

8.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

9.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

10.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

11.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

12.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

13.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

14.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

15.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

16.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

17.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

18.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

19.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

20.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

21.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

22.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

23.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

24.º Que se faça a propaganda de *A Batalha*, órgão dos trabalhadores da região portuguesa.

A BATALHA

Desde as 2 horas da tarde
Matinée e Soirée — 2.ª apresentação

A pequena Estouvada
6 magistrados aos por
— PINA MENICHELLI —
O cair da folha — 3 partes
— O primeiro amor — 3 partes
e outras

2.ª feira — A Estrangeira — Estreia
— BREVE: A Canção do Fogo —
(Marcha triunfal)
— 1.º film da nova série Robino —

A jornada de 8 horas

União dos Empregados de Barbeiros

Reunida em assembleia magna, resolveu manter as mesmas reclamações sobre o horário de 8 horas, enviar uma comissão ao ministro do trabalho com uma representação expondo a justiça das suas reclamações, e condenou a falta de carácter da maioria do patronato, que tem desrespeitado todas as regalias dos assalariados.

Protestou contra a prorrogação do prazo para a efectivação da lei 5516 e resolveu reunir em assembleia magna todas as quintas-feiras.

Inscritos Marítimos

Uma comissão desta associação procurou o sr. Nunes Ribeiro, a fim de o consultar sobre a aplicação do regime das 8 horas de trabalho a esta classe, declarando-lhe este funcionário que estava suspenso, para sofrer modificações, o decreto que o regulamenta. Não se considerando satisfeita com esta resposta, a comissão conferenciou com o secretário do ministro do trabalho.

Trabalhadores Rurais de Lisboa

Na última assembleia geral, foi apreciado um officio da Federação Rural, sendo deliberado enviar junto daquele organismo, os camaradas Justino Ferreira e Manuel Liza Júnior. Foi aprovada a seguinte moção:

“Considerando que os governantes mais uma vez desprezaram os trabalhadores rurais, não os incluindo na lei que institui a jornada de 8 horas, o que já sucedeu com a lei dos acidentes no trabalho; Os trabalhadores rurais de Lisboa, reúnem na sua associação, resolvem:

1.º Protestar contra a sua exclusão das mesmas leis e não descurar o assunto enquanto justiça lhes não seja feita; 2.º Protestar contra a forma como as autoridades tem procedido, prendendo trabalhadores, sem fundamento; 3.º Que os trabalhadores rurais, reunidos em assembleia magna, façam uma grande propaganda das 8 horas de trabalho, a fim de que a classe se encontre preparada para a luta no momento oportuno.

Foi ainda deliberado officiar ao presidente do ministério, manifestando-lhe o descontentamento dos rurais de Lisboa, pela sua exclusão da lei das 8 horas.

PORTO, 14.—As associações comerciais e industriais estão iniciando um movimento a respeito do decreto do horário de trabalho, tendo dirigido já telegramas ao ministro do trabalho com várias reclamações.—H.

BRAGA, 12

Propaganda sindical.—As eleições.—A Batalha.

Com regular assistência realizou-se ontem na sede da Constituição, nesta cidade, uma brilhante sessão de propaganda sindical, fazendo uso da palavra os nossos prezados camaradas Joaquim Cardoso, editor da *A Batalha*, e Manuel Soares, delegado da F. C. C. da Região do Sul.

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

A BATALHA

Desde as 2 horas da tarde
Matinée e Soirée — 2.ª apresentação

A pequena Estouvada
6 magistrados aos por
— PINA MENICHELLI —
O cair da folha — 3 partes
— O primeiro amor — 3 partes
e outras

2.ª feira — A Estrangeira — Estreia
— BREVE: A Canção do Fogo —
(Marcha triunfal)
— 1.º film da nova série Robino —

A jornada de 8 horas

União dos Empregados de Barbeiros

Reunida em assembleia magna, resolveu manter as mesmas reclamações sobre o horário de 8 horas, enviar uma comissão ao ministro do trabalho com uma representação expondo a justiça das suas reclamações, e condenou a falta de carácter da maioria do patronato, que tem desrespeitado todas as regalias dos assalariados.

Protestou contra a prorrogação do prazo para a efectivação da lei 5516 e resolveu reunir em assembleia magna todas as quintas-feiras.

Inscritos Marítimos

Uma comissão desta associação procurou o sr. Nunes Ribeiro, a fim de o consultar sobre a aplicação do regime das 8 horas de trabalho a esta classe, declarando-lhe este funcionário que estava suspenso, para sofrer modificações, o decreto que o regulamenta. Não se considerando satisfeita com esta resposta, a comissão conferenciou com o secretário do ministro do trabalho.

Trabalhadores Rurais de Lisboa

Na última assembleia geral, foi apreciado um officio da Federação Rural, sendo deliberado enviar junto daquele organismo, os camaradas Justino Ferreira e Manuel Liza Júnior. Foi aprovada a seguinte moção:

“Considerando que os governantes mais uma vez desprezaram os trabalhadores rurais, não os incluindo na lei que institui a jornada de 8 horas, o que já sucedeu com a lei dos acidentes no trabalho; Os trabalhadores rurais de Lisboa, reúnem na sua associação, resolvem:

1.º Protestar contra a sua exclusão das mesmas leis e não descurar o assunto enquanto justiça lhes não seja feita; 2.º Protestar contra a forma como as autoridades tem procedido, prendendo trabalhadores, sem fundamento; 3.º Que os trabalhadores rurais, reunidos em assembleia magna, façam uma grande propaganda das 8 horas de trabalho, a fim de que a classe se encontre preparada para a luta no momento oportuno.

Foi ainda deliberado officiar ao presidente do ministério, manifestando-lhe o descontentamento dos rurais de Lisboa, pela sua exclusão da lei das 8 horas.

PORTO, 14.—As associações comerciais e industriais estão iniciando um movimento a respeito do decreto do horário de trabalho, tendo dirigido já telegramas ao ministro do trabalho com várias reclamações.—H.

BRAGA, 12

Propaganda sindical.—As eleições.—A Batalha.

Com regular assistência realizou-se ontem na sede da Constituição, nesta cidade, uma brilhante sessão de propaganda sindical, fazendo uso da palavra os nossos prezados camaradas Joaquim Cardoso, editor da *A Batalha*, e Manuel Soares, delegado da F. C. C. da Região do Sul.

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.

Afirmou perentoriamente que as reclamações agora feitas são justíssimas, e elas não devem ficar esquecidas, como alguém se lembrou já de afirmar.

Esperou pois que a classe se una e saia agir no momento oportuno, pois que este é um momento oportuno, pois que este é um momento oportuno.

Terminou levantando um viva ao pessoal menor de Évora, que foi correspondido com o mesmo grito pelo pessoal de Lisboa e a União Telegráfica.

Foi aprovado que se enviasse ao pessoal maior desta cidade a seguinte saudação:

“Pessoal maior de Évora: Reunido em sessão aprovou saudação pessoal maior, esta cidade de fazendo votos para que continuem sempre unidos e solidários como até aqui.”

Depois de se ler o relatório, foi dada a palavra ao camarada delegado, que fez uma exposição da classe não estivesse toda presente referindo-se em seguida ao fim da sua missão.

Depois de ter repellido energicamente o labeu de incendiários lançado à classe, insinuando-se contra a forma arbitrária como o governo tem procedido, mandando prender camaradas e de outras classes como autores de tão repugnantes actos.